

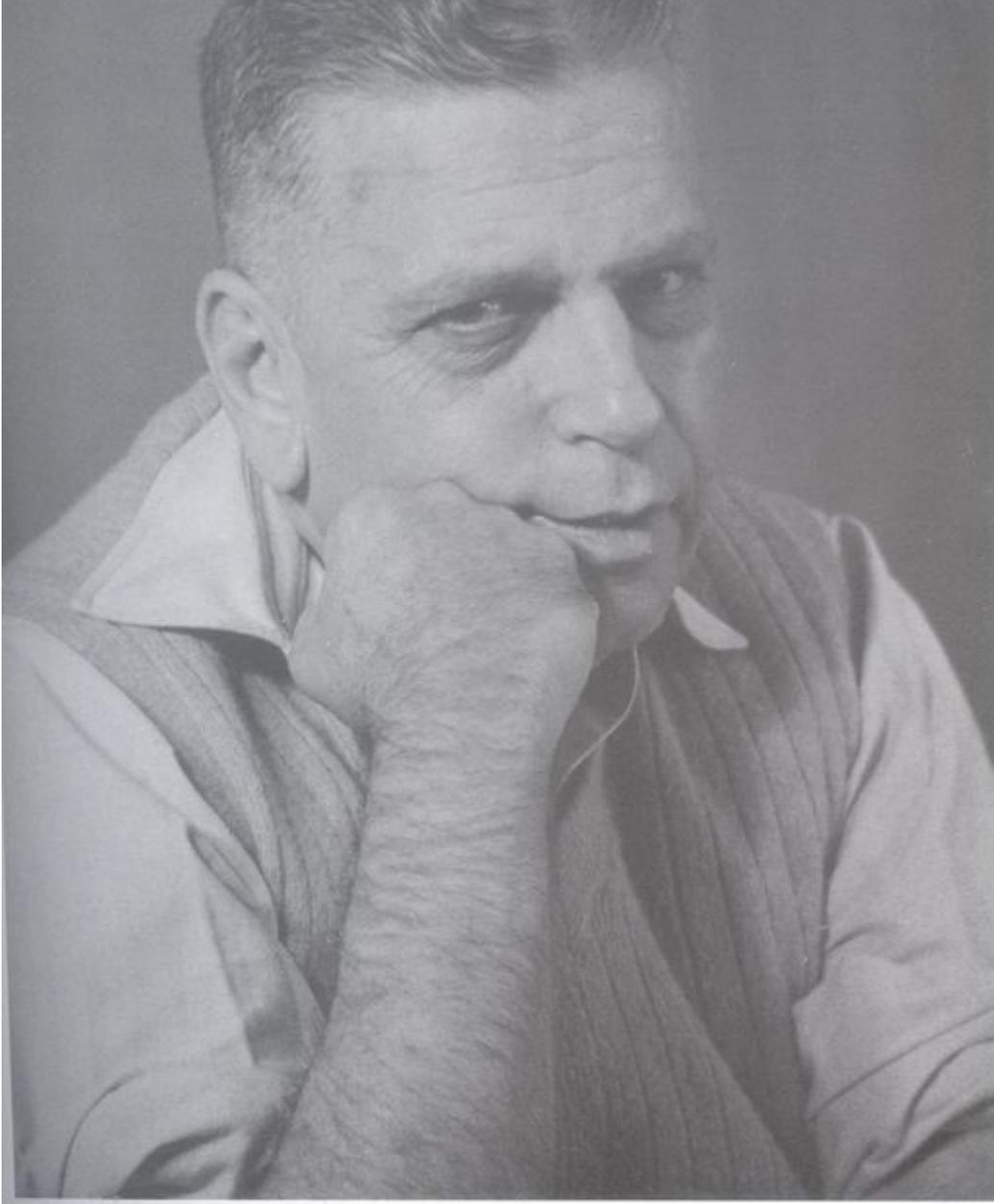
# **Making of | Memórias sentimentais de João Miramar**

14/01/2020

## **Miramar aos 90**

**Principal romance do modernismo brasileiro, Memórias sentimentais de João Miramar teve um périplo tão tortuoso quanto o do personagem-título e de seu autor, o inquieto Oswald de Andrade**

Luiz Rebinski Junior



Tão anárquica quanto a prosa é a trajetória editorial de *Memórias sentimentais de João Miramar*. O “romance” que completa 90 anos em 2014, é uma espécie de síntese do processo criativo de seu autor, Oswald de Andrade. Não só por conta da estética afeita a inovações, mas também em razão do processo criativo empreendido pelo escritor modernista.

Há indícios de que Oswald tenha começado a escrever *Miramar* logo após uma de suas viagens à Europa, em 1912. Mas a primeira aparição do que viria a ser o livro se dá dois anos mais tarde, em 1914, no jornal *A Cigarra*. A partir daí vários capítulos do romance, formado por 163 fragmentos que compõe a vida do

personagem-título, aparecerão em jornais e revistas de pequena circulação de São Paulo, onde apenas um círculo restrito de intelectuais tem acesso. Neste sentido, Oswald antecipa o caráter aventureiro do personagem — que pula de publicação em publicação — antes mesmo de o livro vir à tona.

Os “relâmpagos” que dão conta da existência de *Miramar* (o personagem) também estão em sintonia com a verve inquieta de Oswald, àquela altura impregnado pelas vanguardas europeias. O poeta Haroldo de Campos, em seu famoso ensaio “*Miramar na mira*”, aproxima o *Ulysses*, de James Joyce, à obra-prima do escritor paulistano, que, no entanto, não identificava o elo.

Se no plano estético não se pode cravar uma aproximação, tanto *Ulysses* quanto *Miramar* tiveram trajetórias tortuosas até chegar à publicação. O livro de Joyce surgira a partir de um conto escrito em 1905, mais de uma década e meia antes do materialização de *Ulysses* em livro, em 1922. *Miramar*, ao pedaços, igualmente vagou pelo menos uma década por revistas e jornais até vir à tona.

“Em 1923, Oswald de Andrade reformulou inteiramente as *Memórias sentimentais de João Miramar*, modificando a primeira redação completa, embora já tivesse publicado alguns capítulos na imprensa local, entre 1914 e 1919”, diz Maria Augusta Fonseca, professora do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP).

Segundo Maria Augusta, que também é autora da biografia Oswald de Andrade, da primeira versão do livro restou o testemunho de um caderno completo das *Memórias sentimentais*, que até onde se sabe, estava sob a guarda familiar. “Revolucionando seu próprio fazer, reconhecemos na versão publicada de 1924 apenas os títulos dos capítulos do manuscrito iniciado em 1914, e vestígios de alguns capítulos, dos quais o artista extraiu fragmentos”, diz.

## **Garçonnière**

Em 1917, Oswald aluga uma Garçonnière na Rua Líbero Badaró, número 67, no então efervescente centro de São Paulo. No ano seguinte, 1918, ao longo de seis meses, o escritor dá início a um diário coletivo intitulado *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, em que, além dele próprio, colaboraram figuras como Guilherme de Almeida, Monteiro Lobato e Léo Vaz.

Os frequentadores, entre eles Daisy — chamada de Miss Cyclone e uma das grandes paixões de Oswald —, registravam suas observações com bilhetes, receitas, poemas e desenhos. O livro, esgotado, foi publicado em 1987 em

tiragem limitada pela editora Ex-Libris, com um projeto gráfico cuidadoso, preservando detalhes como colagens e dobras, e que traz dois ensaios importantes, que ajudam a compreender um pouco desse tempo, o primeiro deles assinado por Mário da Silva Brito e o outro de autoria de Haroldo de Campos. Agora *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* está disponível também em livro, em edição do selo Biblioteca Azul, da editora Globo.

Utilizando-se dos pseudônimos Miramar e João Miramar, Oswald aproveitou alguns fragmentos de sua lavra, extraídos desse diário coletivo, no seu futuro livro. Ali, já se verificavam as ambiguidades verbais, o espírito jocosos e a variedade temática que mais tarde estariam presente em Miramar e, posteriormente, em *Serafim Ponte Grande*, outro romance em que o escritor subverte a forma literária ao fundir gêneros.

## **Publicação**

O tom fragmentado da narrativa pode sugerir um livro feito a partir de insights. Mas os dez anos que separam os primeiros vestígios de Miramar na imprensa até a publicação do romance dão conta de uma obra que foi exaustivamente retrabalhada. “Oswald trabalhou bastante para dar feição final às *Memórias sentimentais de João Miramar*; basta comparar o que foi publicado antes, em revistas e jornais, e a publicação de 1924. Não sei se era obcecado pela perfeição do texto, mas certamente buscava uma expressão artística inovadora, de alta qualidade. O que conseguiu”, diz a biógrafa Maria Augusta Fonseca.

Lançado dois anos depois da mítica Semana de Arte Moderna pela Editora Independência e com capa de Tarsila do Amaral, Miramar teve uma circulação restrita. Prolífico, Oswald lançou, apenas um ano depois de seu



romance mais célebre, em 1925, outro livro importante para a literatura brasileira: a coletânea de poemas *Pau Brasil*, editado com a ajuda do poeta suíço Blaise Cendrars.

Já na década de 1930, surge *Serafim Ponte Grande*, romance que também dialoga com as questões estéticas de Miramar, mas exacerba o lado picaresco de Oswald ao criar personagens antológicos como Pinto Calçudo, que é expulso do romance. *Serafim*, assim como *Miramar*, reforça a visão de um Brasil que, tardiamente, tentava se modernizar, sempre sob o prisma de um narrador privilegiado, rico e passageiro da primeira classe de transatlânticos.

Do ponto de vista editorial — e dada sua importância para a literatura nacional —, *Memórias sentimentais de João Miramar* foi um fracasso. O romance só reapareceria em 1964, quarenta anos depois da primeira edição e uma década após a morte de seu autor.

Isso se deveu a circunstâncias de ordem pessoal e de natureza política, sugere a biógrafa, que cita o ostracismo em que Oswald foi submetido depois de 1930 e a censura no Estado Novo como fatores para que *Miramar* fosse pouco comentado. A reedição do livro se deu graças ao empenho de Mário da Silva Brito, que foi amigo íntimo do autor e grande estudioso de sua obra, além de pioneiro historiador do modernismo brasileiro. “No caso de *Memórias sentimentais de João Miramar*, acresce à dificuldade de compreensão por grande parcela de leitores, a falta de circulação desses livros, geralmente com tiragens pequenas e a custas do autor. Talvez o próprio Oswald de Andrade não tivesse interesse naquele momento, uma vez que nas décadas de 1940-50 centrou seu projeto estético na elaboração de *Marco Zero* (que pretendia conceber em 5 volumes, cada qual com um título específico). Desse conjunto só concluiu dois volumes: *A revolução melancólica* e *Chão*.”